

UMA PERSEGUIÇÃO INTERMINÁVEL

André empurrou Ana e Maria para uma loja de artigos desportivos e escondeu-se atrás de um expositor de roupa, indicando às primas que fizessem o mesmo. Depois olhou para a porta, cauteloso.

As duas irmãs colocaram-se atrás de um *stand* de prateleiras com bolas de vários tipos e tamanhos, por entre as quais viram os quatro perseguidores a subir pelas escadas rolantes do centro comercial, vindos do piso inferior. Os homens iam a correr, ziguezagueando por entre os visitantes e apontando para a loja onde os jovens tinham entrado com gestos furtivos. Ana e Maria fitaram o primo com ar interrogativo e preocupado.

André mordeu o lábio, inquieto. Já receava que os indivíduos os pudessem ter visto a entrar na loja, pois ainda não tinham conseguido despistá-los e a distância entre eles não era muita. Ainda assim, decidira esconder-se ali, quanto mais não fosse para conseguir alguns segundos preciosos e pensar no que fazer, parado, sem correr como um doido.

Precisava de pensar com calma, pois o certo é que estava a fugir de quatro desconhecidos num dos centros comerciais mais famosos do país, onde até o fóssil de um mamute siberiano com mais de quinze mil anos aparecia exposto.

Os homens tinham-nos visto entrar naquela loja e estavam a menos de cem metros de distância. Era evidente que não podiam ficar ali por mais tempo.

Olhou em seu redor e avaliou as opções. As primas começavam a dar sinais pouco tranquilizadores, sobretudo Maria, a mais velha e mais emotiva. Conhecia-a bem e sabia o que significavam as duas rugas paralelas entre as sobrancelhas, acima do nariz pequenino, bem como o olhar persistente e translúcido e a forma como premia nervosamente os lábios. Se não arranjassem rapidamente um plano para escapar aos quatro indivíduos, o mais natural seria o pânico apoderar-se dela. E o pânico era sempre sinónimo de más notícias, pois dava azo a disparates e decisões mal tomadas. Com Maria, então, tornava-se um perigo exponencial a evitar.

Para lhe mostrar que tinha tudo sob controlo, ofereceu-lhe o seu sorriso mais despreocupado e convincente. Estava longe de ser autêntico, mas era necessário manter as aparências.

Analisou com atenção o exterior da loja, da qual podia ver o piso 0 e o piso 1. Os corredores do elegante centro comercial, com chão e paredes reluzentes de mármore, eram, na verdade, autênticas avenidas, demasiado amplas e sem recantos onde eles pudessem esconder-se facilmente. As palmeiras que cresciam de um piso ao outro tão-pouco podiam ocultá-los, de tal forma eram esguias, e o mesmo acontecia com as colunas espeelhadas. Estas tinham a vantagem de ajudar a revelar a posição

dos perseguidores, mas, refletindo igualmente a imagem dos jovens, funcionavam como um pau de dois bicos.

«Tentar passar despercebidos por entre os visitantes também não é uma opção, porque não estamos propriamente no metro, na hora de ponta», pensou o rapaz. Aqui, com efeito, as pessoas caminhavam sem pressas e com demasiado espaço entre elas.

Além dos moradores locais, com túnicas imaculadamente brancas e turbantes, viam-se outros ocidentais, trabalhadores vindos de países asiáticos e também grupos de senhoras árabes que, apesar de veladas, exibiam orgulhosamente as suas malas de luxo, seguidas pelas crianças e serviçais carregando sacos de compras.

Em suma, as lojas eram os únicos lugares onde poderiam tentar esconder-se, mas para isso era necessário que entrassem nelas sem serem vistos e se mantivessem afastados das montras transparentes.

O rapaz suspirou e voltou a observar os quatro homens. Eram indivíduos muito corpulentos, com bíceps enormes e fisionomias da Europa de Leste, com cabelo rente, faces quadradas, mandíbulas salientes, pele clara e olhos opacos. Todos eles vestiam calças de fazenda em tons de cinza e *t-shirts* escuras, peças de roupa comuns, que não chamavam a atenção e dificilmente se registavam na memória de quem os visse passar.

André estimou que não levariam mais de trinta segundos a entrar na loja, o que lhe dava, a ele e às primas, muito pouco tempo para encontrar uma via de fuga ali dentro.

— Por ali? — perguntou Ana, apontando para um pictograma que indicava a presença de escadas rolantes ao fundo da loja.

— Linda menina! — exclamou o primo, começando a correr por entre expositores de roupa e calçado desportivo. — Nem tinha reparado naquela indicação.

De facto, as escadas encontravam-se camufladas atrás de uma parede espelhada e os jovens só as viram quando já estavam muito próximos delas.

«Espero que eles também não as vejam», pensou.

Então, tendo uma ideia, deteve-se pelo caminho a fechar as cortinas de dois provadores e a abrir a porta de uma pequena arrecadação.

— Se tivermos sorte, talvez os russos pensem que nos escondemos ali dentro.

— Russos?! — perguntaram as primas, confusas.

André encolheu os ombros, mostrando-lhes que se tratava apenas de uma suposição, e os três voltaram a correr em direção às escadas. Quando começaram a descê-las, Maria pousou o olhar no pacote que o primo levava apertado na mão esquerda. Aquele pacote era a razão de todos os sarilhos em que se tinham metido.



Reparando nisso, André estacou de repente.

— Esperem! — exclamou, puxando rapidamente pela mochila. — Mais vale perder alguns segundos agora do que perder isto de vez.

Ana, a última da fila, voltou-se para trás, olhando por cima do ombro. Os homens ainda não se viam, mas não devia faltar muito para aparecerem.

— OK, mas despacha-te! — advertiu.

André enfiou o pacote dentro da mochila, puxou pelo fecho da mesma e colocou-a novamente ao ombro.

Puseram-se de novo a correr, mas antes de chegarem ao fundo das escadas já os perseguidores assomavam no topo.

Dirigiram-se então à saída da loja e acabaram por desembocar numa praça, no centro da qual se via uma fonte com a estatueta dourada de dois golfinhos a saltar sobre uma esfera terrestre.

— Oh, não! — exclamou Ana, confusa, olhando para dois homens que vinham a correr na direção deles, aparecidos inesperadamente da esquerda e já a poucos metros de distância.

— Devem ter-se dividido! — concluiu André.

Maria notou-lhe surpresa no olhar e sentiu um aperto desconfortável no estômago.

— E agora, para onde? — perguntou, olhando à sua volta.

— Ummm... por ali! — exclamou André, acabando de ter mais uma ideia, enquanto apontava para o restaurante do outro lado da fonte.

Deixou Ana e Maria seguirem à sua frente e então, ao passar junto da mesma, enfiou a mão e o braço dentro de água, provocando uma onda que ultrapassou o bordo e encharcou o chão.

Os dois homens aperceberam-se do perigo, mas já estavam demasiado perto para conseguirem deter-se a tempo de o evitar, derrapando, assim, no pavimento lustroso e perigosamente escorregadio, e acabando estatelados a vários metros de distância.

Tendo observado toda a cena das escadas rolantes, e para se esquivarem ao destino dos companheiros, os outros dois perseguidores viram-se obrigados a contornar a fonte pelo lado oposto, o que permitiu aumentar a distância e alargar a vantagem dos três jovens.

O pequeno sucesso deu esperança a Maria, que se concentrou na procura de opções, pensando que «ou ajudas a encontrar uma solução ou passas a fazer parte do problema». A máxima, que ultimamente repetia amiúde para si mesma, tinha tido algum sucesso, pois mantinha-a ocupada na busca de alternativas, impedindo-a de entrar em desespero em situações complicadas. Às vezes, mas não sempre. Era uma técnica que precisava de aperfeiçoar.

Ao fundo da larga avenida, a rapariga viu a indicação de um hipermercado no piso inferior e logo identificou os elevadores que lhe davam acesso num corredor perpendicular.

— Por ali! — exclamou. — Talvez seja mais fácil despistá-los dentro do hipermercado!

O primo deu-lhe uma palmadinha nas costas e o gesto de aprovação fê-la sentir-se encorajada.

Por entre os olhares admirados de alguns visitantes pouco habituados a tanta azáfama, Ana, Maria e André correram até ao elevador, entrando e vendo as portas fechar segundos antes de os indivíduos os alcançarem.

Contrariados, os homens cerraram os dentes e voltaram a dividir-se. Dois deles entraram no elevador adjacente, que acabava de chegar, enquanto os outros se dirigiram às escadas.

Os primos atravessaram as cancelas do hipermercado, pertencente a uma famosa cadeia francesa, e por isso de traços puramente europeus, e depressa confirmaram que este bem merecia o prefixo *hiper*, pois dali era impossível visualizar toda a sua extensão.

Dirigiram-se instintivamente para a zona da fruta e produtos hortícolas, ao centro, mas os perseguidores não demoraram a ganhar terreno.

— Estes russos são demasiado rápidos! — queixou-se o rapaz, olhando por cima do ombro.

Estavam a atravessar uma área repleta de expositores circulares de fruta, quando André se lembrou de fazer desmoronar uma montanha de maçãs, que rolaram pelo chão e provocaram novo atraso aos indivíduos.

«Por este andar, se não nos apanham eles, apanham-nos os seguranças», pensou Maria, apreensiva. «E não sei o que seria pior...»

Os jovens aproveitaram a diversão para meter pelo corredor dos cereais, arroz e farinhas, ao fundo do qual viraram à direita, percorrendo alguns metros junto às caixas de saída.

— Vão apanhar-nos! — gritou Maria, de repente, ouvindo passos rápidos atrás deles, mas sem coragem para verificar exatamente a que distância se encontravam os perseguidores.

André virou novamente à direita, enquanto pedia às pessoas à sua frente para se afastarem, usando o tom mais delicado que a situação lhe permitia.

Na verdade, começava a desesperar. Precisava de inventar um plano, mas estava com dificuldade em concentrar-se. Podiam passar horas dentro do centro comercial a tentar escapar àqueles quatro, escondendo-se dentro das centenas de lojas existentes nos cinco pisos, ou provocando todas as manobras de diversão possíveis, mas tudo aquilo de pouco valia. O que precisavam realmente era de fugir dali, mas ele não sabia como.

— Oh, não! O hipermercado acaba aqui! — notou Ana, ao ver que estavam a aproximar-se de um dos cantos do enorme recinto. — E agora?

Não podiam voltar para trás, com os homens à perna, e se o grupo se tivesse dividido novamente, como seria de esperar, dariam de caras com eles assim que virassem a esquina. Precisavam de um milagre.

— Por ali, por ali! — exclamou André, de repente, vislumbrando uma porta metálica automatizada que estava a fechar-se ao fundo do corredor. — Para o armazém!

— Não! É impossível! — gritou Maria, assustada. — Não vamos conseguir passar a tempo!

— Claro que vamos! — contestou o primo, puxando-a a ela e à irmã pelo braço e obrigando-as a correr mais depressa. — Rápido! Rápido!

Faltavam poucos metros e a porta já tinha descido mais de metade. Os jovens baixaram-se instintivamente, enquanto corriam, mas depressa se aperceberam de que mesmo agachados não poderiam passar. A única solução seria deslizar por baixo da porta...

— Atirem-se para o chão! — gritou André, retirando a mochila das costas.

Ana e Maria não perderam tempo a contestar a sugestão e logo o imitaram, atirando-se simultaneamente para o solo, de braços estendidos, rastejando depois para o interior do armazém com a ajuda dos cotovelos, como fuzileiros navais durante os exercícios militares.

André seguiu-as, atirando a mochila para o outro lado antes de rolar sobre si mesmo, enquanto ouvia a porta a desenrolar os últimos centímetros de metal, pronta a tocar o chão. Estava já a levantar-se quando sentiu algo a prender-lhe o pé esquerdo, obrigando-o a cair de joelhos.

— André! — gritou Maria, vendo que um dos homens, aproveitando a última nesga da porta, tinha conseguido enfiar o braço na abertura e agarrar o primo pelo tornozelo.

O mecanismo automático persistiu no fecho durante uns momentos, até a porta se bloquear com um ruído metálico, ao qual se seguiu um alarme sonoro a indicar obstrução.

Maria aproveitou a pausa e puxou pelos braços do rapaz, que começara já a deslizar para o exterior devido à força exercida pelo perseguidor.

— Aguenta, Maria! — exclamou André, tentando agarrar-se à porta, mas sem grande sucesso, devido à posição em que se encontrava. — Ana, ajuda-a!

Ana, assustada, olhou à sua volta, à procura de um objeto contundente. Ao ver uma pesada chave bico de papagaio no chão, junto à parede, agarrou nela e ajoelhou-se com determinação ao lado do primo. Mas depois hesitou.

— Ana! — gritou Maria, vendo-a parada, a olhar para a chave, e sentindo as suas forças esvaírem-se. — Depressa! Não aguento mais!

Os olhares desesperados do primo e da irmã obrigaram-na a decidir-se e a rapariga acabou por bater com a chave no braço do indivíduo, que soltou um urro de dor e largou o tornozelo do rapaz.

Já liberto, André levantou-se e pegou na mochila, preparando-se para fugir.

Nesse preciso momento, o alarme cessou e foi substituído por um bipe mais forte e intermitente. A porta voltava a abrir-se.

— Oh, não! — gritou Ana, reparando que um segundo perseguidor se tinha atirado ao chão e estava já ao lado do primeiro, à espera que a porta se abrisse o suficiente para deslizar por baixo dela.

Foi então que Maria notou a presença de um interruptor na parede e se atirou a ele com a agilidade de um lince, premindo o botão inferior sem pensar duas vezes. A porta voltou, assim, a fechar-se, levando os homens a desistir e a retirar-se.

Os primos afastaram-se a correr pelo armazém, sem saberem para onde se dirigir. A superfície parecia-lhes tão extensa como a do hipermercado, mas ali havia somente corredores sem indicações que fizessem sentido para eles, com prateleiras repletas de caixas e caixotes amontoados, exibindo apenas códigos de barras e sem as luzes, os brilhos e as cores vivas da publicidade a que o supermercado habituara os clientes. Ali imperava o cinzento das paredes, do chão e do teto, e o rumor imperturbável do sistema de condicionamento do ar a pairar por cima das cabeças deles.

De ténis calçados, evitavam chamar a atenção dos empregados de serviço, mas ainda assim afastavam-se deles quando

ouviam as suas vozes ao longe, escolhendo os corredores mais secundários e menos iluminados. Sabiam bem que não deviam estar ali dentro.

A certa altura, Ana viu um sinal de saída de emergência e sugeriu aos outros, num sussurro:

— Por ali?

André e Maria acenaram, concordantes, e os três seguiram a indicação até vislumbrarem, ao longe, uma nova porta de metal automática, desta vez dupla. Estava aberta e dava para uma rua pouco movimentada nas traseiras do hipermercado, usada apenas pelos fornecedores.

Os jovens aceleraram o passo em direção à saída, animados por verem finalmente aparecer um vislumbre de esperança. Estavam salvos! Ou quase...

Ao aproximarem-se, sentiram um bafo de ar quente tão intenso que os atingiu como um punho no estômago. Ainda não se tinham habituado às diferenças gigantescas de temperatura entre os espaços fechados e o exterior, devidas ao clima desértico, insuportável no verão, com temperaturas acima dos 40°C e humidade elevadíssima.

— Esperem! — exclamou André, baixinho, passando para a frente delas e obrigando-as a parar. — Pela maneira como os russos nos têm seguido, imagino que conheçam muito bem este centro comercial. Devem saber perfeitamente onde se encontra esta saída e, rápidos como são, talvez já estejam lá fora à nossa espera.

Sem compreender por que razão o primo insistia em chamar «russos» aos homens, Ana e Maria deram um passo atrás, hesitantes, e esconderam-se instintivamente atrás de uma pilha de caixotes que um fornecedor devia ter acabado de entregar

e ainda se encontravam junto à porta. André juntou-se-lhes e os três ficaram à espreita durante alguns momentos.

— Raios! — lamentou-se Ana, apontando para um Audi cinzento de vidros escuros estacionado do outro lado da rua e ao qual um dos quatro perseguidores estava encostado, de mãos sobre a barriga. — Tinhas razão!

— Sim, são eles! — anuiu o primo, sentindo-se de novo encurralado.

Foi então que uma carrinha se aproximou, fez manobra de marcha atrás e entrou no armazém. Tratava-se de uma empresa de jardinagem, como puderam identificar pelo logotipo desenhado na parte lateral.

O condutor abriu as portas traseiras e retirou do interior dois vasos de *kentias* de um verde resplandecente, pousando-os no chão. Depois pegou nos documentos de entrega e voltou a fechar as portas, dirigindo-se a um pequeno cubículo do qual saiu um egípcio pronto para lhos assinar.

— E se...? — perguntou André, pensando alto.

— A-achas... boa ideia? — inquiriu Maria, reticente, percebendo as intenções do rapaz.

— Bem, *boa* ainda não sei se é, mas pelo menos é uma ideia — respondeu o primo, aproveitando a distração dos dois homens e abrindo as portas sem fazer barulho. — Vá, entrem depressa!

As irmãs entraram no veículo seguidas por André e os jovens instalaram-se entre as restantes plantas. Segundos depois, ouviram a carrinha a arrancar, abandonando o local.

— A vantagem de não haver janelas cá atrás é que não nos podem ver aqui dentro, mas... — notou Maria, preocupada — o problema é que nós também não podemos ver nada lá fora!

– Chhh! – avisou André, de ouvido à escuta.

O rapaz concentrou-se a tentar discernir todos os sons vindos do exterior, esforçando-se por perceber a sua origem e a que distância se encontravam deles, mas depressa franziu o sobrolho.

– Ouviram aquilo?

– Eu não ouvi nada – respondeu Maria.

– Eu... não tenho a certeza se ouvi ou não – confessou Ana, sem saber o que pensar.

– De que é que estão a falar? – quis saber a irmã.

– Parece-me que ouço o motor de um carro atrás de nós – informou o primo, soltando um suspiro de impaciência.

Maria encostou imediatamente o ouvido à carroçaria da carrinha e fechou os olhos para melhor concentrar a sua atenção nos sons provenientes do exterior. Não levou muito tempo a confirmar as suspeitas do rapaz.

– Sim, tens razão! Vem alguém atrás de nós! Acham que são eles?

– Eu não vi mais ninguém na rua a não ser o Audi... – disse Ana, a medo.

– OK, estamos oficialmente em apuros. Chegou o momento de telefonarmos aos pais a pedir ajuda! – replicou Maria, pegando no telemóvel.

– Sabes muito bem que não podemos telefonar-lhes – opôs-se André, tentando mostrar-se calmo. – Nem a eles nem a ninguém.

– Então telefonamos ao Samir!

Foi a vez de Ana intervir:

– Estás a falar a sério?! A ele, muito menos!

– Então e ao...

– Nem penses! – atalhou Ana, interrompendo-a.

– Mas alguém tem de nos ajudar! Não podemos ficar aqui de braços cruzados à espera que eles nos apanhem! – protestou ela. – Além disso, nem sequer sabemos para onde estamos a ir!

– Chhh! Fala baixo ou o condutor ouve-te! – instou o rapaz. – A informação que vi no lado de fora da carrinha mostrava um percurso com três etapas, uma aqui, no Marina Mall, outra no hotel Emirates Palace e outra em Musaffah, a sede da empresa.

– Uhhh... Musaffah? – perguntou Ana, consultando a aplicação de mapas no seu telemóvel ao reconhecer a zona. – Então esperemos que a próxima etapa seja mesmo o hotel, porque Musaffah fica do outro lado da cidade...

– Oh, não! *Musaffah*?! – repetiu Maria, preocupada, identificando também ela subitamente o nome e deitando um olhar rápido à irmã, para confirmar que não se enganava.

Olhou então para André com ar petrificado e inquisitivo. Pela sua expressão, era evidente que o primo nunca tinha ouvido falar naquela zona.

– Não te preocupes, vai correr tudo bem – disse ele, torcendo para não se enganar. – Tu não disseste que querias conhecer o hotel? Bem, esta é uma ótima oportunidade!

Maria reagiu à gracinha com uma careta e suspirou. Aquele era o comportamento típico do primo, o divertido rapazinho de sardas e cabelos arruivados que ela e a irmã sempre tinham visto reagir às dificuldades com gracejos e brincadeiras.

Sim, era verdade, ao chegar a Abu Dhabi, a capital dos Emirados Árabes Unidos, tinha mostrado interesse em visitar o Emirates Palace, um dos hotéis mais caros e luxuosos do

mundo. Mas dali a considerar aquela uma *ótima oportunidade* ia uma grande distância!

— Nem oito nem oitenta... — queixou-se, tentando responder ao primo com a mesma dose de ironia. — Porque ou estamos a ir para ali ou para um subúrbio industrial de ruas sujas e prédios semiconstruídos...

— Ummm... — murmurou o rapaz, um pouco embasbacado com a lacuna nos seus conhecimentos sobre a cidade.

— Como tu bem poderias saber se não tivesses passado o teu tempo distraído com *outras coisas*... — acrescentou ela, com um riso sardónico.

Com efeito, André não tinha tido grande ocasião para se informar sobre Abu Dhabi, pois o pai de Ana e Maria, o embaixador de Portugal em Londres, não dera grande pré-aviso aos jovens ao propor-lhes que o acompanhassem no seu breve destacamento diplomático ao emirado¹.

E claro, utilizara o pouco tempo que tivera disponível para obter todas as informações possíveis sobre os carros extravagantes que as forças policiais tinham à sua disposição ali e no Dubai, como modelos das marcas Lamborghini, Maserati e Bugatti, e também para pesquisar sobre o Ferrari World, o maior parque de diversões coberto jamais construído, onde se encontrava a montanha-russa mais rápida do mundo.

André jurara a si mesmo que não deixaria o emirado enquanto não colocasse o seu estômago à prova da força gravitacional daquele portento, capaz da proeza de acelerar

¹ Além de ser uma cidade, Abu Dhabi é também um dos sete emirados que fazem parte dos Emirados Árabes Unidos, país do qual é a capital. Os restantes emirados são o Dubai, Xarja, Ajmã, Umm al Qaywayn, Ras al-Khaimah e Fujeira, todos eles governados por emires. (N. da A.)

dos 0 aos 240 km/h em menos de cinco segundos e atingir alturas de mais de cinquenta metros. As primas haviam de apreciar aquele tipo de informação quando estivessem com ele na montanha-russa.

– Pois, realmente... Nem tanto ao mar nem tanto ao ar – acabou por dizer, para mudar de assunto.

– Nem tanto ao mar nem tanto *à terra* – corrigiu Maria, sem o entusiasmo com que normalmente retificava os erros do primo na sua escolha de provérbios.

– De qualquer forma, não vamos ter de esperar muito para descobrir para onde vamos – disse o rapaz, satisfeito com a interrupção da conversa.

– Lá isso é verdade – confirmou Ana, examinando o seu mapa. – São apenas cinco minutos do centro comercial ao hotel.

André encostou o ouvido à carrinha por instantes.

– Estás a ouvir o barulho dos carros lá fora, Maria? – perguntou, confiante. – Devemos estar a atravessar a Breakwater Road e daqui a nada viramos à direita, na Corniche Road. O hotel é já ali à frente, vais ver.

Maria mordeu o lábio e ficou à espera, desviando o olhar de um lado para o outro, enquanto identificava os sons e os tentava associar aos movimentos do veículo.

– Estamos a abrandar, não estamos?... – notou esperançosa, a certa altura.

– Sim, estamos. Eu bem te disse – confirmou André, e logo garantiu, para a tranquilizar: – Mais um minuto e estamos salvos!

A carrinha abrandou um pouco e acabou por virar à direita, como André previra, seguindo então em velocidade reduzida

até, por fim, se deter. O condutor, todavia, não desligou o motor. Em vez disso, abriu a janela e disse qualquer coisa em árabe através da mesma, voltando depois a fechá-la e a seguir caminho.

André deixou escapar um suspiro de alívio. Já não se ouvia o som do tráfico na rua e a velocidade a que se deslocavam indicava que se encontravam agora no acesso privado ao hotel. A breve pausa tinha-se devido, com certeza, à passagem pelo guarda, à entrada.

O veículo prosseguiu durante mais umas centenas de metros, virando ora à direita ora à esquerda, até se imobilizar por completo.

Os primos sentiram a tensão diminuir por momentos, mas logo trocaram olhares, assustados. Tinham estado tão ansiosos por saber se a carrinha se dirigia, ou não, ao hotel, que nem tinham pensado no que fazer ao chegar lá.

— Ele vai ver-nos assim que abrir a porta! — exclamou Ana, olhando à sua volta e confirmando que as plantas não eram suficientes para os esconder aos três.

— OK, tenho uma ideia! — disse André. — Estão prontas?

Ana e Maria suspiraram. A última vez que o primo lhes fizera aquela pergunta as coisas tinham dado para o torto.

André aproximou-se então da porta de correr lateral e colocou a mão no puxador. De ouvido à escuta, recomendou:

— Quando ele abrir a porta, finjam que acabaram de entrar!

As irmãs acenaram, um pouco apreensivas.

Os jovens ouviram o condutor aproximar-se das traseiras da carrinha e, assim que ele destrancou a porta, André abriu a entrada lateral, saltou para o exterior e esticou o pescoço para

dentro do veículo. Então exclamou, em inglês, uma língua amplamente falada no emirado:

— Olá, bom dia! Precisa de ajuda para descarregar?

Tomado de surpresa, o homem olhou para ele e para as duas raparigas de sobrolho franzido. O seu estado de confusão era total.

Compreendendo o estratagema do primo, Maria, considerada a *Miss Desculpa Pronta* do grupo devido à sua capacidade para inventar desculpas em frações de segundos, entrou imediatamente no jogo.

— Vimo-lo chegar e decidimos ajudá-lo! — exclamou, com um enorme sorriso estampado no rosto. — Estamos aqui alojados e já tínhamos comentado que as plantas são absolutamente divinas. Nós adoramos plantas! É o senhor que fornece o hotel, não é?

O homem, um indiano de média estatura, com cerca de cinquenta anos, olhar simpático e aspeto de trabalhador honesto, respondeu com um aceno afirmativo, abrindo a boca para falar, mas acabando por desistir, sem saber o que dizer. O seu cérebro estava a tentar perceber como é que as jovens tinham conseguido abrir a porta lateral e entrar na carrinha tão depressa sem ele dar conta. Ele, que até se reputava um indivíduo bastante atento! O instinto dava-lhe sinais de alarme e dizia-lhe que alguma coisa não batia certo.

Continuou a fitá-los com ar desconfiado, tentando perceber as intenções deles, embora os sorrisos e a jovialidade dos três lhe parecessem genuínos. Além do mais, porque estariam eles a tentar enganá-lo? A verdade era que estava ali para fornecer simplesmente plantas, e não um dos mil candelabros de cristal Swarovski do hotel, ou algum objeto de ouro usado na decoração.

— Vejam estas *kentias* magníficas! — exclamava a rapariga, insistindo no seu papel dissuasor. — E estas ervas culinárias? Que aromas fabulosos! Sálvia, tomilho, hortelã, orégãos, manjerição... Não me diga que também fornece os restaurantes do hotel?

Os conhecimentos de botânica da jovem acabaram por convencê-lo finalmente a descartar a possibilidade de que o estivessem a vigiar, levando o indiano a dizer:

— F-forneço, sim, senhora. Todos os dias!

«Ufa! Finalmente baixou as defesas!», pensou Maria, aliviada com o tom alegre do homem. «Estamos salvos! Não vai denunciar-nos. Podemos despedir-nos dele e deixá-lo ir à sua vida.»

Maria preparava-se para fazer isso mesmo quando André a agarrou pelo braço e lhe mostrou algo que a fez perder imediatamente a cor do rosto. Ana apercebeu-se disso e seguiu o olhar sobressaltado da irmã até ao acesso que tinham acabado de percorrer.

O Audi de vidros escuros acabava de virar a esquina e o condutor observava-os pela janela aberta, com ar sinistro.

Recuperando o sangue-frio, Maria pegou num dos tabuleiros com vasos de ervas aromáticas e anunciou, com uma voz um pouco trémula:

— Ótimo! Então nós ajudamo-lo a levar tudo lá para dentro.

O indiano acenou com um sorriso, continuando sem compreender a insistência dos jovens em querer ajudá-lo, mas satisfeito por saber que terminaria mais cedo a sua tarefa e poderia regressar à empresa antes da hora de almoço.

Olhando por cima do ombro, Ana, Maria e André viram então os quatro perseguidores sair do carro ao mesmo tempo e dirigir-se para eles em passos largos.

Assustados, aceleraram e passaram à frente do indiano, transpondo uma porta de serviço que André, deixando-se ficar para trás no último instante, trancou rapidamente por dentro.

Os homens, que por essa altura já tinham começado a correr, aperceberam-se disso e dividiram-se, procurando outro acesso.

Com o coração nas mãos e receando o desfecho da nova cena de perseguição, os jovens atravessaram um corredor que os levou a uma cozinha enorme, de linhas modernas e esteticamente perfeitas, onde todo o equipamento de alumínio cintilava, refletindo a luz natural das claraboias e os feixes azulados dos candeeiros de última tendência.

– Que espetáculo! – murmurou Ana, maravilhada.

Sentindo os aromas deliciosos da cozinha do restaurante Mezlai, um dos mais famosos e requintados de todos os emirados, os jovens ficaram espedrados à porta durante o que lhes pareceram ser momentos infinitos. Além disso, não tinham conseguido almoçar, e todos eles tinham o estômago a dar horas.

O pessoal, uma dezena de cozinheiros e ajudantes distribuídos por ilhas de trabalho paralelas sob exaustores gigantescos, não reparou imediatamente neles, tão concentrado estava nos seus afazeres, entre tachos, panelas, *woks* e frigideiras, empratando e decorando travessas como se de obras de arte se tratasse.

Por fim, um dos cozinheiros fez-lhes sinal para o seguirem e o pequeno grupo dirigiu-se então a uma ampla área de armazenagem contígua, onde um encarregado filipino recebeu os tabuleiros com as ervas aromáticas, enquanto olhava para os jovens com ar curioso.

De repente, ouviu-se um tumulto vindo da cozinha, com vozes que se atropelavam e portas de armários a abrir e a fechar com violência. Os primos compreenderam que os homens tinham acabado de entrar e, a julgar pelo barulho que estavam a fazer, não iriam abandonar o local enquanto não os procurassem por todos os cantos.

– Oh, não! – exclamou Maria, aterrorizada.

Olharam à sua volta, desesperados. O compartimento era grande e estava organizado com estantes de prateleiras a formar corredores, mas parecia não ter saída. A única outra porta que viam era a da câmara frigorífica. Estavam novamente encurralados.

– E agora? – perguntou Ana, dando a mão à irmã.

O indiano percebeu finalmente que os jovens se encontravam em apuros e disse qualquer coisa ao filipino, que prontamente lhes indicou uma grelha quadrangular na parede, junto ao teto. Ana, Maria e André agradeceram a ambos com sorrisos de alívio e subiram pelas prateleiras da estante mais próxima, entrando então numa conduta de ar suficientemente ampla para lhes permitir deslizarem dentro dela.

– Onde será que isto irá dar? – sussurrou Maria, seguindo atrás de Ana e de André.

Os três percorreram a conduta em silêncio, esforçando-se por não trair a sua presença, deixando para trás os sons metálicos dos cozinheiros e as vozes alteradas dos perseguidores, que continuavam a procurá-los dentro dos armários da cozinha.

Fizeram-no durante largos minutos, seguindo em linha reta, até chegarem a uma bifurcação.

– Esquerda ou direita? – perguntou André.

— Esquerda — sugeriu Ana. — Assim aproximamo-nos mais do corpo central do hotel.

Prosseguiram na mesma direção por mais dez minutos, observando a presença de saídas laterais na conduta ao longo de todo o percurso. Ao contrário de outros hotéis construídos em linha vertical, o Emirates Palace desenvolvia-se horizontalmente por cerca de um quilómetro, de uma ponta à outra.

A posição a que se viam constrangidos estava a tornar-se extremamente desconfortável, sobretudo com as mochilas às costas, e o ambiente era claustrofóbico, mas o facto de saberem que estavam a afastar-se dos perseguidores mantinha-os esperançosos. De tal forma que, a certa altura, Maria até se saiu com uma piada digna de André:

— Pois... não era bem este o *tour* que eu estava a pensar fazer ao hotel.

— Ah! Ah! Tens razão — riu o primo. — Daqui, a vista não é grande coisa.

— Já andámos bastante — notou Ana. — E se tentássemos sair?

Os outros concordaram e André deteve-se frente a uma das saídas laterais. Em silêncio, e depois de se certificar que a costa estava livre, empurrou a grelha e espreitou para o exterior.

— Uau! — exclamou, abismado.

— Onde estamos? Onde estamos? — perguntou Maria, curiosa.

— Num dos quartos do hotel... e vocês nem podem imaginar a riqueza que para aqui vai!

— Entramos? — sugeriu ela, cada vez mais impaciente.

— Parece-me que está vazio... — informou ele, descendo com cautela para cima da secretária posicionada sob a conduta.

Ana e Maria fizeram o mesmo, com a ajuda dele. Quando colocaram finalmente os pés no chão e olharam à sua volta, não podiam acreditar no que viam.

Encontravam-se na sala de estar de uma luxuosa *suite* com decoração contemporânea, exibindo sofás, mesas, *abat-jours*, candeeiros, cortinados e quadros de um requinte surpreendente, onde imperava o dourado típico da principesca opulência árabe.

— Venham ver! — exclamou Ana, atravessando as portas duplas que conduziam ao quarto de casal, igualmente faustoso, enquanto apreciava os arabescos das magníficas alcatifas. — Quanto custará passar uma noite aqui dentro?

— Cerca de 1500 euros — informou o primo, consultando um dos prospetos que encontrou sobre a secretária, ao lado de um elegante arranjo floral. Depois, olhando para o mapa do hotel, abriu a boca de espanto e comentou: — Tinhas razão, Maria! Já viram isto? É incrível!

— O quê, o quê? — quis saber Ana, enquanto inspecionava a enorme casa de banho adjacente ao quarto, forrada a mármore e pedras nobres, com duche, *jacuzzi* e louça sanitária de luxo, torneiras e acessórios de ouro, telefone, e um riquíssimo conjunto de amenidades à disposição dos hóspedes.

André não respondeu de imediato, embevecido a cobiçar uns docinhos de fazer crescer água na boca, colocados debaixo de uma distinta campânula de vidro. Estava com tanta fome!

— Além das piscinas, restaurantes e *spas* de luxo, até marina com praia privativa e heliporto para dois helicópteros este hotel tem! — acabou por dizer.

– Uhhh... Marina?... – repetiu Maria, pensativa, aproximando-se das portas envidraçadas e afastando as cortinas que davam para a varanda.

– E o quarto de banho tem pétalas frescas de rosa no chão e na banheira! – exclamou Ana.

– Eu bem vos disse que valia a pena visitá-lo... – respondeu a irmã, distraída.

À sua frente desenhava-se a baía do hotel, onde as águas tranquilas do golfo Pérsico banhavam a areia branca da extensa praia privativa, oferecendo aos hóspedes uma vista magnífica que o deslumbrante palácio presidencial dos Emirados Árabes Unidos, a oeste, completava.

Maria desviou o olhar dos aparatosos iates ancorados na marina, a oeste e, acabando de ter uma ideia, focalizou-o no seu telemóvel durante uns instantes. «Uhhh... E porque não?», pensou.

– Os hóspedes podem estar a chegar – alertou André.
– É melhor irmos andando antes que entre alguém.

– S-sim... – respondeu ela, ausente.

– Esperemos que por esta altura os *russos* já tenham desistido de nos procurar. Já passou mais de meia hora.

– E tu a dar-lhe com os *russos*... – riu Maria.

O rapaz encostou então o ouvido à porta da *suite*. Não ouvindo qualquer som vindo do exterior, abriu-a e saiu com as duas irmãs para o corredor.

Assim que fecharam a porta, viram-se obrigados a suster a respiração, ao reparar no hóspede que se aprestava a entrar no quarto do lado, um italiano que falava consigo mesmo e parecia estar a ter alguma dificuldade em encontrar as chaves.

— Ah, *eccola!* — disse, olhando para eles sem manifestar surpresa, enquanto exhibia entre os dedos uma ficha dourada com o logotipo do hotel.

Aliviados, os jovens sorriram e afastaram-se pelo corredor até desaparecerem de vista.

Quase se perderam, tão extenso era o hotel, caminhando por corredores incrivelmente largos e vastos, como nunca antes tinham visto, concebidos com extrema atenção ao pormenor e marcados pela excelência dos mármore, das luzes amenas, dos motivos árabes e dos eternos matizes dourados.

Enquanto se encontravam nas áreas dedicadas exclusivamente aos hóspedes, não se cruzaram com mais ninguém. Só quando finalmente chegaram às áreas de acesso ao público, especialmente a zona do átrio, a receção e o café, puderam ver uma série de turistas a tirar fotografias, ou sentados a bebericar e a saborear bolinhos de aspeto sumptuoso.

— Inacreditável! Sabem o que são aqueles flocos dourados polvilhados por cima dos *capuccinos*? — perguntou Maria, embevecida.

— Sei lá! Algum tipo especial de cacau? — aventurou Ana.

— Nããão! — contestou a irmã. — É ouro de 24 quilates!

— *Ouro*?! Estás a brincar, não estás?!

— Não estou nada! É mesmo ouro *puro*! E aqueles hambúrgueres são de *camelo*!

Maria já tinha ouvido falar nas duas iguarias mais emblemáticas do hotel, mas vê-las serem consumidas à sua frente provocava-lhe uma sensação inusitada.

— Mas porque é que alguém havia de querer *beber ouro*? — perguntou Ana, menos dada àquelas superficialidades.

— O ouro não tem qualquer valor nutricional para os seres humanos e se calhar até faz mal!

— Não, se for ouro puro não faz mal nenhum! — argumentou Maria, que já tinha feito as suas pesquisas sobre a matéria. — E pode não ter valor nutricional, mas o valor *emocional* deve ser incrível para quem experimenta!

De repente, André teve um mau pressentimento que o fez acordar daquele sonho de luxo e o levou a olhar com apreensão à sua volta, sentindo-se demasiado exposto.

— Se calhar é má ideia estarmos aqui — comentou, inquieto. — E se os *russos* não se tiverem ido embora? E se estão por aí escondidos à espreita!?

Parece que adivinhava. Assim que acabou de proferir a frase, o olhar ameaçador de um dos homens atravessou o átrio, atingindo o rapaz como uma flecha envenenada.

Maria tinha acabado de consultar novamente o telemóvel, com ar apreensivo, quando a expressão do primo a alertou.

— Com certeza que não vão fazer-nos mal no meio desta gente toda! — exclamou Ana, tentando convencer-se a si própria.

— A não ser que se aproximem de nós com uma arma e nos obriguem a segui-los sem dar nas vistas! — argumentou o primo, que já tinha considerado a questão no centro comercial. — Não podemos arriscar. É melhor não os deixarmos chegar perto de nós.

— O-oh! — disse Ana, vendo o homem dirigir-se para eles depois de se levantar do sofá onde estava instalado, e fazendo sinal aos companheiros. — E agora? O que fazemos?

— Raios! — disse o primo, sem saber o que mais inventar. — Estes tipos não desistem! O que nós precisávamos era de um helicóptero a aterrar lá fora para nos vir buscar!

— Eu sei que o dia de hoje tem sido uma aventura, mas acho que andas a ver filmes a mais! — queixou-se a prima mais nova.

— Pois... um helicóptero é difícil, mas talvez se possa arranjar outra coisa! — exclamou Maria, olhando finalmente para o telemóvel com um sorriso e indicando-lhes o caminho que levava à praia. — Depressa, por ali!

Ana e André não fizeram perguntas e os primos começaram imediatamente a correr por entre hóspedes e visitantes em direção à entrada norte. Os perseguidores aceleraram o passo, mas não puderam imitá-los, receando chamar a atenção dos seguranças naquele ambiente refinado e elegante.

Os jovens ganharam, assim, uns segundos de vantagem e ao chegarem à praia Maria gritou, apontando para a esquerda:

— Para a marina!

— Para a marina?! Tens a certeza? — inquiriu Ana, de sobreaviso. — A marina não tem saída!

— As marinas têm *sempre* saída! — respondeu Maria, correndo a seu lado.

Ana não disse nada, mas a resposta da irmã aumentou as suas suspeitas, levando-a a observar o ancoradouro com ansiedade, esperando que Maria não tivesse feito nenhum disparate.

— Corram! Corram! — advertiu André, vendo os indivíduos sair do edifício e começar a atravessar o terreiro na diagonal, correndo agora, e a uma velocidade assustadora.

Os jovens não conseguiam avançar tão depressa quanto desejavam. Os pés enterravam-se-lhes na areia seca, dando-lhes a sensação de estar a correr em câmara lenta. A distância entre eles e os perseguidores estava a diminuir cada vez mais.

Felizmente estavam quase a alcançar a areia molhada e a zona das espreguiçadeiras, mas não havia ninguém na praia àquela hora, devido ao calor insuportável. Se os homens os apanhassem, ninguém poderia acudir-lhes.

— Eles são mais pesados do que nós, por isso não conseguem correr tão depressa na areia seca! — disse André, para encorajar as primas.

Estavam então a meio do caminho entre o hotel e a marina e o rapaz receou que Ana tivesse razão. E se estivessem mesmo a enfiar-se num beco sem saída?

— Só espero que tenhas um bom plano, Maria! — exclamou, preocupado.

— O plano é excelente! — confirmou a prima, sem fôlego. — O problema é se vamos conseguir executá-lo ou não...

— Podes dizer-nos do que se trata, pelo menos? — perguntou Ana.

— Já vais ver! — respondeu a irmã.

Os primos transpiravam como nunca antes tinham transpirado, não somente devido ao esforço exagerado da fuga pela areia, mas sobretudo devido ao sol, quase a pique, e à humidade excessiva dos emirados.

Foi então que Ana e André viram Maria acenar freneticamente na direção do ancoradouro. Viram também duas caras conhecidas responder ao aceno, dentro de um pequeno bote de borracha a motor.

— Maria! — gritou Ana, furiosa. — Não tinhas o direito!

A irmã não respondeu e acelerou o passo, sabendo que os perseguidores fariam o mesmo, tendo compreendido finalmente o plano de fuga deles.